



ESTE É O MEU CORPO

Para uma Teologia da Motricidade Humana
Alexandre Palma e Alfredo Teixeira (Coord.)



«Para que tenhas corpo»: peregrinos, vagabundos e caminheiros

José Pedro Lopes Angélico

Universidade Católica Portuguesa

Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (UCP-CITER);

Cátedra de Poesia e Transcendência – *Sophia de Mello Breyner*

*À saudade do Arlindo (1944-2023)
amigo, mestre, peregrino e presbítero*

*Para que tenhas mãos e sintas frio
e seja tarde. Para que tenhas fome
e águas profundas sob teu medo.*

*Para que tenhas casa e ausência nenhuma
inscreva nos teus ossos um inverno maior
do que este silêncio.*

Para que tenhas corpo.

*Para que tenhas uma sepultura digna
e urze, passados mil anos,
uns palmos de terra acima
do teu esquecimento.*

José Rui Teixeira, *Habeas Corpus* (Porto: Officium Lectionis, 2022), 91

Caminhar não é um desporto.

Caminhar não é um desporto.

Caminhar não é um desporto.

Frédéric Gros, *Marcher, une philosophie* (Paris: Flammarion, 2019), 7, 8 e 9.

Há peregrinos que não passam de vagabundos e vagabundos que são autênticos peregrinos; e, no entanto, ambos caminheiros. A olho nu, não é muito fácil distingui-los.

A poucos metros de minha casa e principalmente ao fim de semana, veem-se centenas de caminheiros que, por vezes, quase se atropelam. Penso que se identificam com o tipo de caminheiro de quem Henry David Thoreau se demarca, quando declara que as caminhadas de que fala «não são como um remédio que os doentes tomam a horas certas, nem como os halteres para desenvolver os músculos»¹.

As palavras que inauguram esse paradigmático texto do autor de *Walden ou Vida nos Bosques*² anunciam uma espécie de apologética da natureza, da liberdade e do estado selvagem, «por contraste com a liberdade e a cultura meramente civilizadas»³. Na verdade, não é nada incomum vermos a arte de caminhar intimamente associada ao exercício da liberdade⁴. Contudo, nem sempre, ou talvez muitíssimo pouco, a caminhada corresponde a um exercício de liberdade: «os sem-abrigo e os vagabundos, reduzidos ao seu corpo, são frequentemente forçados a deslocar-se a pé» e, portanto, quando assim é, «a caminhada é mais sinal de miséria e provação pessoal»⁵ do que qualquer outra coisa.

Em teoria e prática, mais ou menos aburguesada, de quem tem onde reclinar a cabeça, aconchegar o estômago ou até fazer *upgrades* técnicos ao seu corpo viandante – como quem pratica esta meditação – a caminhada do peregrino, do *flanêur* ou do vagabundo pode frequentemente devir lugar de liberdade e, conseqüentemente, de transcendência.

¹ Henry David Thoreau, *Caminhada* (Lisboa: Antígona, 2018), 22.

² Cf. Henry David Thoreau, *Walden ou a Vida nos Bosques* (Lisboa: Antígona, 2009).

³ Thoreau, *Caminhada*, 15.

⁴ David Le Breton, *Marcher. Éloge des chemins et de la lenteur* (Paris: Éditions Métailié, 2012), 19.

⁵ Le Breton, 19.

Mas...

A procissão nervosa entre o Bairro e o Parque da Urbano da Pasteleira, no Porto, não é um exercício de liberdade, e no entanto há uma urgência ritual pela libertação da dor que a ressaca de heroína provoca.

Há peregrinos que não passam de vagabundos e vagabundos que são autênticos peregrinos; e, no entanto, ambos caminheiros. A olho nu, não é muito fácil distingui-los.

A circunvalação exausta entre um transporte público e outro, entre o trabalho imoralmente mal remunerado e a batalha do quotidiano imposta pela rapacidade de quem vende o pão, mas não o amassa, não é um exercício de liberdade, e no entanto há uma urgência ritual pela libertação da dor a que o amanhã obriga.

Há peregrinos que não passam de vagabundos e vagabundos que são autênticos peregrinos; e, no entanto, ambos caminheiros. A olho nu, não é muito fácil distingui-los.

A deambulação resignada entre a Praça da República e o viaduto da Rua de Gonçalo Cristovão, no Porto, não é um exercício de liberdade, e no entanto há uma urgência ritual por abrigo, ao cair da tarde, e por clareiras desabrigadas, mal o sol nasce.

Há peregrinos que não passam de vagabundos e vagabundos que são autênticos peregrinos; e, no entanto, ambos caminheiros. A olho nu, não é muito fácil distingui-los.

A corrida desesperada de quem foge à fome, à guerra, à seca ou a qualquer forma de opressão e violência, da floresta de Bialowieza⁶ às fronteiras da Síria, ou das fronteiras entre a República Centro-Africana e os Camarões às fronteiras entre a Colômbia e a Venezuela, não é um exercício de liberdade, e no entanto há uma urgência ritual pela preservação da vida no meio da morte.

Há peregrinos que não passam de vagabundos e vagabundos que são autênticos peregrinos; e, no entanto, ambos caminheiros. A olho nu, não é muito fácil distingui-los.

Há quase vinte anos, enquanto descansava de umas boas centenas de quilómetros na Praça da Imaculada, em Santiago de Compostela, aproximou-se de mim um homem de estatura média, na casa dos quarenta ou talvez

⁶ Cf. Tristan Coloma, «No inferno de Bialowiesza», *Le Monde Diplomatique – Edição Portuguesa* 197 (2023): 34-35.

ainda dos trinta, também de botas calçadas e mochila às costas, para me pedir um cigarro. Não lho neguei. Talvez me começasse a falar do sentido da vida. Mas não. Abriu a mochila e desenrolou um maço de documentos – *Compostela* incluída – que atestavam as suas peregrinações a Santiago da Galiza, a Roma e à Terra Santa. Iria ainda a Finisterra, onde talvez repousaria algum tempo.

Não me falou do sentido da vida, mas do sentimento profundo da sua ausência: anos antes, tinha perdido a família na tragédia de Entre-os-Rios. Doído e dorido, falava-me de uma saudade insanável. Alguns anos depois, em caminho com um amigo, reencontrei-o, sentado sobre uma pedra no caminho, numa aldeia galega. Percebi imediatamente que tinha passado a viver no e do Caminho, com regulares incursões a Finisterra, e recordei-me subitamente do poema da bretã Anjela Duval⁷:

O meu coração é um Cemitério
Nele incontáveis sepulturas
Nele sempre uma nova sepultura
Sepulturas de amigos e familiares
O meu coração é um Cemitério!

O meu coração é um Cemitério!
Não!
O meu coração é um Santuário
Onde vivem os meus queridos defuntos!

A poucos metros de minha casa e principalmente em dias de semana, comecei há pouco tempo a ver, de mochila às costas e identificado com insígnias jacobéias, um homem de estatura média, caminhando uns quilómetros para sul e outros para norte em nítido trajeto pendular, muito parecido com aquele que, anos antes, tinha encontrado pelo Caminho. Quando em Santiago, não duvidei da sua condição de peregrino; e agora também não, mesmo que a aparente deambulação da errância que acabou por assumir o assemelhe a um vagabundo. Não pude não pensar nas palavras de Thoreau:

⁷ Anjela Duval, «My Heart», em *Celtic Christian Spirituality. An Anthology of Medieval and Modern Sources*, ed. Oliver Davies e Fiona Bowie (New York: Continuum, 1999), 226.

Encontrei na vida somente uma ou duas pessoas que entendiam a arte de Caminhar, ou seja, a arte de dar caminhadas, e que tinham um talento especial para vaguear. Na nossa língua, o termo *saunterer*, sinónimo de «caminhante», tem uma raiz admirável: remete para «as pessoas livres que vagueavam pelo país, na Idade Média, e que pediam esmolas para ir à *la Sainte Terre*», à Terra Santa. Não tardou que as crianças exclamassem: «Lá vai um *sainte-terrer!*», um vagabundo sem eira nem beira, rumo à Terra Santa. Aqueles que nas suas caminhadas nunca alcançam a Terra Santa, embora afirmem o contrário, não passam de meros vagabundos e de gente ociosa; mas os que lá vão são *saunterer* no bom sentido do tempo, tal como o entendo. Alguns, contudo, atribuem a origem da palavra à expressão francesa *sans terre*, sem terra nem lar, que, portanto, em boa verdade, quer dizer gente sem casa a que chamar sua, mas que se sente em casa em todo o lado. Pois é este o segredo da errância bem-sucedida. Um homem que não sai de casa todo o dia pode ser o mais errante de todos, e um sem-terra pode não ser mais errante do que o sinuoso rio que procura persistentemente o caminho mais curto para o mar.⁸

Repito: há peregrinos que não passam de vagabundos e vagabundos que são autênticos peregrinos; e, no entanto, ambos caminheiros. A olho nu, não é muito fácil distingui-los. O modo como se movem no espaço, peregrinos ou vagabundos, é uma espécie de resposta litânica, ritmada pela cadência da invocação de cada passo: este é o meu corpo.

No princípio, era um pé à frente do outro

Não se pode caminhar sem corpo, do mesmo modo que sem ele não se pode viver, e, ao que parece, tampouco se pode viver longo tempo sem caminhar. Erling Kagge recorda-se do dia em que a sua avó deixou de andar: «Nesse mesmo dia morreu». E segue:

O seu corpo ainda viveu mais algum tempo, mas os novos joelhos, que por meio de uma cirurgia tinham substituído os antigos, estavam muito gastos e tornaram-se incapazes de transportar o corpo. O resto das forças que ainda

⁸ Thoreau, *Caminhada*, 16.

tinha nos músculos foi desaparecendo devido aos dias passados na cama. O seu aparelho digestivo começou a falhar. A pulsação tornou-se mais baixa e irregular. Os pulmões absorveram cada vez menos oxigénio. Já perto do fim, arfava com falta de ar.⁹

Foi o bipedismo que nos trouxe aqui e permitiu que não ficássemos higiénicamente arrumados, catalogados e conservados num qualquer museu de história natural. «Caminhar é a forma mais antiga de viajar, a mais fundamental, talvez a mais reveladora»¹⁰, escrevia Paul Theroux. Creio, por isso, que tem razão Gabriel Marcel quando afirma que «é possível que uma ordem estável não possa ser instaurada sem que o ser humano tenha uma consciência aguda daquilo a que poderíamos chamar a sua condição itinerante»¹¹. Talvez por aí se amacie o desejo de posse, fonte de toda a forma de guerra e violência. Em *Canto Nómada*, Bruce Chatwin escreve em favor da harmonia de que a errância pode ser exercício, ao contrário da transgressão a que parece não poder escapar, de acordo com os estabelecidos sedentos de ordem (os sedentários radicais):

Os psiquiatras, os políticos e os tiranos estão sempre a tentar convencer-nos de que a vida errante constitui um comportamento aberrante: uma neurose; uma forma frustrada de desejo sexual; uma doença que, para bem da civilização, deve ser suprimida.

A propaganda nazi pretendia que os ciganos e os judeus – povos geneticamente errantes – nunca teriam lugar num Reich estável.

Porém, no Oriente, as pessoas souberam preservar o conceito universal de que a vida errante restabelece a harmonia original que outrora existia entre o homem e o universo.¹²

⁹ Erling Kagge, *A Arte de Caminhar. Um passo de cada vez* (Lisboa: Quetzal Editores, 2022), 15.

¹⁰ Paul Theroux, *A Arte da Viagem* (Lisboa: Quetzal Editores, 2021), 156.

¹¹ Gabriel Marcel, *Homo Viator. Prolégomènes à une métaphysique de l'espérance* (Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1944), 202.

¹² Bruce Chatwin, *Canto Nómada* (Lisboa: Quetzal Editores, 2019), 216.

A «humanidade começa com os pés»¹³, escreve André Leroi-Gourhan. É naturalmente uma forma de o dizer, mas, no processo de hominização, não há grandes dúvidas sobre a decisiva importância da passagem de uma condição quadrúpede à bipedia: «A faculdade propriamente humana de dar sentido ao mundo, de nele se mover, compreendendo-o e partilhando-os com os outros, nasceu quando o animal humano, há milhões de anos, se pôs de pé»¹⁴, escrevia Le Breton. Ou então Bruce Chatwin: «a seleção natural concebeu-nos – da estrutura das nossas células cerebrais até à estrutura do nosso dedo grande do pé – para uma carreira de viagens ocasionais, a pé, através de terra escaldante coberta por arbustos espinhosos ou do deserto»¹⁵. A intuição de Chatwin é a de que o nomadismo é o grande eixo da história: «Quanto mais lia, mais convencido ficava de que os nómadas tinham sido o motor da História, quanto mais não fosse porque todas as grandes religiões monoteístas nasceram no meio pastoril»¹⁶. Mas Paul Theroux não lhe dá grande crédito: «O historiador Fernand Braudel, no seu estudo dos desvios globais da cultura, *As Estruturas do Quotidiano*, escreve que os nómadas eram “cavaleiros e camelheiros” que “representavam a velocidade e a surpresa num período em que tudo se movia devagar”. Chatwin parece não ter conhecido isto.»¹⁷

Não creio, porém, que seja necessário esmiuçar tanto esta problemática. Bastaria pensarmos como tudo começou no nosso próprio processo biográfico:

Quando somos crianças não distinguimos bem se as coisas passam por nós ou se nós passamos por elas, sobretudo quando a velocidade é um pouco maior à janela duma camioneta em que, à medida que avançamos na estrada, vemos tudo passar para trás, árvores, casas e pessoas, e a gente tem a impressão dos passageiros que vão para a frente porque tudo o mais anda para trás. Foi, quando eu era menino, a minha primeira descoberta da passagem, da ideia do Tempo, entendido como movimento. Mas é sobretudo a pé que muito cedo, apesar

¹³ André Leroi-Gourhan, *Le geste et la parole. Technique et langage* (Paris: Albin Michel, 1964), 97.

¹⁴ David Le Breton, *Elogio del caminar* (Madrid: Siruela, 2020), 16.

¹⁵ Chatwin, *Canto Nómada*, 198.

¹⁶ Chatwin, 33.

¹⁷ Theroux, *A Arte da Viagem*, 161.

do cansaço, a gente se apercebe, ao correr ora atrás ora à frente da mãe, que as nossas pernas nos levam para uma meta, apesar das alegrias experimentadas nos caminhitos amigos que nos levam para o sítio desejado. Há um certo tempo, já mais velho, eu experimentava a estranha contradição dos velhos que, tendo pouco tempo, não tinham pressa, enquanto os jovens, com tanto tempo diante de si, andavam com tanta pressa... Depois o Tempo voa, e a gente só tem pena de não ter asas que nos levem a tantos lugares sonhados onde nunca chegaremos a ir. Sonhos e utopias de vidas que transportam mortes anunciadas. Sonhos que se têm em sonhos, e utopias que ficam em Nenhures.¹⁸

Neste texto, Leonel Oliveira opera um esforço de memória, a um tempo própria e apropriada, sobre os primeiros movimentos e passos que nos dão consciência do corpo, do espaço e do tempo: não só o caminhar ou o correr que a bipedia nos proporciona, mas também a consciência que nos devolve de sermos corpo espaço-temporal, e não meramente de que temos um corpo no espaço e no tempo: «Caminhar é viver o corpo, provisória ou indefinidamente»¹⁹, escreveu Le Breton.

Não se vive sem respirar. Caminhar é, portanto, devolver a respiração ao corpo ou, como diria Le Breton, «encontrar o ritmo conveniente a cada qual, a sua respiração pessoal»²⁰. Na cultura judaico-cristã, mesmo se por vezes assediada ou contaminada por compreensões antropológicas dualistas, que tendem à radicalização da oposição corpo-alma, a palavra, que em hebraico o latim traduz por *anima* e o grego por *psychê*, é *nefesh*. Curiosamente, esta palavra hebraica é de uma amplitude semântica considerável: pode significar garganta, pescoço, desejo, alma, vida, pessoa e órgão de respiração²¹.

¹⁸ Leonel Oliveira, «A Passagem», em *Caminho*, org. José Rui Teixeira (Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002), 33.

¹⁹ Le Breton, *Elogio del caminar*, 15-16.

²⁰ Le Breton, *Marcher*, 26.

²¹ Cf. Hans Walter Wolff, *Antropología del Antiguo Testamento* (Salamanca: Sígueme, 2001), 19-44.

Numa tal antropologia de matriz multidimensional²², e não redutível a uma anatomização virtual, pode chegar a dizer-se que «respiramos sempre com os calcanhares»²³.

A primeira grande revelação corpórea da caminhada é, portanto, a respiração, principalmente se o movimento for de ascensão. E os pés, ou a forma como gerimos a extensão e o ritmo da passada e da pisada, determinam a velocidade e a profundidade da respiração. Tal equilíbrio revela-se fundamental para evitar o colapso. Mas revela também o corpo que somos. Sabermos que caminhamos, tal como vivemos em «permanente desequilíbrio», diz Le Breton, implica que vigiemos o ritmo dos passos, «sabendo que toda a precipitação ou lentidão provocará a ruptura»²⁴.

Nesse permanente exercício de equilíbrio, que nos reconduz sempre à consciência da finitude, «a experiência do caminhar descentra o eu e restitui o mundo, inscrevendo assim plenamente o ser humano nos limites que lhe recordam a sua fragilidade, mais do que a sua força»²⁵. E essa – a fragilidade – é a segunda grande revelação corpórea da caminhada, que, por sua vez, nos abre à terceira e mais importante revelação – a fragilidade do corpo coletivo que somos e, daí, à fragilidade do outro:

Andar a pé também é aceitar o desafio de um caminho exigente. Os quilómetros de terra percorrida pesam sobre os músculos de um corpo limitado. É importante sentir esse corpo e os seus limites. É importante aceitar, aprender a viver com os limites desse corpo. Por isso, a experiência do caminho implica a clara superação de visões exclusivamente espiritualísticas do ser humano, pois o caminho exige o corpo – e exige ao corpo. [...] O caminhar marca-nos o corpo e exige que o corpo deixe a sua marca, para além mesmo das pegadas. Aproxima-nos, assim, da carne que somos e de que não podemos abstrair sem falsear a nossa própria realidade. [...] É importante sentir a dor que o caminho impõe ao caminhante. A dor existe. É absurda, mas existe. Não sentir a dor é

²² Cf. Pedro Castelao, «El cuerpo y su apertura a lo intangible», em *El cuerpo humano. Enigmas y desafíos*, ed. Carlos Alfonso Debate (Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2010), 153-172.

²³ David Le Breton, *Marcher la vie. Un art tranquille du bonheur* (Paris: Éditions Métailié, 2012), 26.

²⁴ Le Breton, *Elogio del caminar*, 86.

²⁵ Le Breton, 87.

ser a-pático em relação ao real – dos outros e nosso. Sentir a dor é aprender a ser solidário com todo o ser que sofre. Capacidade de sacrifício é capacidade de sofrer-com o sofrimento de todos.²⁶

O carácter sofrível da caminhada, principalmente quando se alarga no espaço e no tempo, emerge como condição de possibilidade de redenção humana, perdida nos labirintos da degradante civilização sofisticada²⁷ ou simplesmente rendida à «escatologia secular do progresso e o desenvolvimento»²⁸. A caminhada é por isso uma espécie de resistência, «uma crítica em movimento»²⁹ à *parte maldita* da modernidade³⁰.

Da respiração que devemos aos pés, e que sabemos sempre em permanente e necessário exercício de equilíbrio, à consciência da fragilidade que nos constitui, descobre-se esse «convite a morrer de pé»³¹, a experiência da gravidade que devolve a possibilidade de uma existência libertada dos laços da apatia, da indiferença e do desejo de uma vida sem peso próprio ou alheio:

²⁶ João Duque, «A Caminho... Reflexões para-teológicas», em *Caminho*, org. José Rui Teixeira (Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002), 30.

²⁷ «Todas as ideologias dominantes exercem o seu controlo, o seu domínio ou mesmo a sua violência sobre o nómada. Os impérios constroem-se sempre sobre o aniquilamento das figuras errantes ou dos povos nómadas. O nacional-socialismo alemão celebrou a raça ariana sedentária, enraizada, fixada e nacional, denunciando os seus inimigos: os judeus e os ciganos nómadas, sem raízes, móveis e cosmopolitas, sem pátria, sem terras. O estalinismo russo procedeu do mesmo modo, perseguindo também ele os semitas e os povos de pastores das repúblicas caucasianas ou do Sul da Sibéria. [...] Hoje, também o capitalismo condena os indivíduos rejeitando-os e condenando-os à errância, à ausência de domicílio ou ao desemprego. O seu crime? Serem inassimiláveis pelo mercado, a pátria dos financeiros. O seu castigo? As pontes, a rua, os passeios, as bocas do metro, as caves, as estações, os bancos – a degradação dos corpos e a impossibilidade de refúgio, de repouso». Michel Onfray, *Teoria da Viagem. Uma Poética da Geografia* (Lisboa: Quetzal Editores, 2019), 16-17.

²⁸ Danièle Hervieu-Léger, *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento* (Lisboa: Gradiva – Publicações, 2005), 24.

²⁹ Cf. Sylvain Tesson, «La marche est une critique en mouvement», em *Philosophie de la marche*, dir. Nicolas Truong (La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2020), 11-18.

³⁰ «*Marcher, on l'a déjà dit, c'est résister fortement à la part maudite de la modernité (obsession pathologique de la performance, culte de la vitesse, existences parallèles dans des univers numériques, évitements de la présence), mais c'est aussi se proposer soi-même comme aventure, rompre avec les inertias du présent.*» Frédéric Gros, «Marcher, c'est faire preuve de dignité», em *Philosophie de la marche*, dir. Nicolas Truong (La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2020), 33.

³¹ Frédéric Gros, *Marcher, une philosophie* (Paris: Flammarion, 2019), 250.

O facto de a caminhada a pé ser exigente e implicar uma certa forma de morte contínua, não significa que se imponha ao caminhante, eliminando a sua liberdade. Por contrário: a caminhada, sobretudo numa cultura em que deixou de ser estritamente necessária, apresenta-se como constante proposta gratuita ao possível caminhante. Aderir ou não é a decisão da liberdade humana. Sem falsas promessas de felicidade fácil e barata, a caminhada a pé joga-se em plena liberdade e nela se joga a liberdade mais autêntica do se todo o ser humano. Por isso é que o caminho da vida, a percorrer a pé para lhe sentir todos os passos e todos os momentos, é um constante caminho de conversão do ser humano contra si mesmo, em nome de si mesmo e da sua verdade.³²

E foi o quarto dia

Arlindo de Magalhães, que percorreu a pé os Caminhos de Santiago quando estes ainda não tinham sido colonizados pela máquina comercial do turismo³³, assim descreve o modo como o corpo peregrino se sente à medida que avança: «Ir a pé, do Porto a Compostela, a um moderno demora uns 8/10 dias, e é assim: o 1.º dia é uma maravilha, no 2.º começam a queixar-se as pernas e os pés, no 3.º a coisa complica-se e a gente só não desiste porque tem vergonha, no 4.º é de morrer.»³⁴ Uma vez experimentada a morte, o corpo do caminhante renasce no corpo do mundo e do outro:

A partir daí, atinge-se enfim o objetivo do exercício de caminhar, começa a haver tempo e capacidade de olhar para o lado e ver o que há (alguns apontam

³² Duque, «A Caminho», 31.

³³ «Hoje, tirando os comerciantes e os diplomatas, os passageiros são todos turistas, que de sítio em sítio viajam só para encher os olhos, e só não se chama vadios porque, passando o tempo da diversão, voltam ao mesmo sítio, com imagens no bolso e recordações nos olhos, cansados do descanso ou descansados para voltar a cansar-se. Verdadeiras passagens ainda fazem os emigrantes e os refugiados que procuram noutras terras o que não encontram nas suas: uma terra prometida ou uma terra livre. Estes, emigrantes e refugiados, compreenderão ainda o que é, o que foi a Passagem. Os outros não. Os turistas, de maneira nenhuma.» Oliveira, «A Passagem», 33.

³⁴ Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha, «“Estrangeiros e peregrinos como todos os nossos pais”», em *Caminho*, org. José Rui Teixeira (Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002), 41-42.

à palavra peregrino uma etimologia que tem a ver com caminhar «per agros», isto é, através dos campos, a paisagem, a Natureza; mas não só: olhar também para os outros, os que caminham connosco, aqueles com quem hoje em dia a gente tem dificuldade em falar, dentro dum carro ou, de pé, num autocarro apinhado, que a descoberta do Outro é uma das grandes riquezas que a peregrinação possibilita).³⁵

Na nudez do corpo que se redescobre, «reduz-se a imensidão do mundo às proporções do corpo»³⁶, participando assim «em carne e osso das pulsações do mundo»³⁷. E então descobre-se um continente novo, tão aterrador quanto fascinante: as montanhas, que exigem o esforço da ascensão e a prudência da descida, mas simultaneamente abrindo os sentidos a lugares nunca antes visitados; as longas planícies, que obrigam à paciência dos horizontes largos; os bosques, com os seus medos ancestrais e as suas sombras de frescura; a chuva, o frio, o nevoeiro e a neve que se misturam com os suorres da transpiração; o calor e o sol que tudo reduzem a sede; a mais básica das provisões alimentares, que se degusta como se de um banquete se tratasse. É assim que a paisagem passa de matéria inerte e opaca a realidade viva e transparente³⁸, os sentidos celebram-se em festim³⁹, o mundo torna-se uma *segunda carne*⁴⁰, e a caminhada converte-se numa «jornada através dos

³⁵ Cunha, «“Estrangeiros”», 42.

³⁶ Le Breton, *Elogio del caminar*, 42.

³⁷ Le Breton, 43.

³⁸ «Le marcheur engrange une provision de moments privilégiés, des instants de grâce où le sentiment d'exister vibre en lui. Certains lieux procurent le sentiment de franchir une frontière invisible qui laisse derrière soi le monde profane de la vie courante pour entrer dans un autre univers. L'affinement progressif des sens au fil du chemin, l'attention à l'environnement, le sentiment de se fondre dans l'espace et d'y participer d'une manière mystérieuse mais tangible amènent aussi le marcheur à éprouver ces résonances. Certains lieux se donnent dans le sentiment d'une continuité avec soi. Toute rupture disparaît. On n'est plus devant le paysage mais confondu en lui, les sens en alerte.» Le Breton, *Marcher la vie*, 97.

³⁹ «La frugalidad de una comida vale a menudo por el mejor festín y deja un recuerdo más impercedero de saciedad y de gozo. Platos que no son nada se convierten en exquisiteces cuando se ven animados por el hambre y la delicia del cansancio de una larga jornada. Cuando quema la sed, un vaso de agua sabe a Château d'Yquem.» Le Breton, *Elogio del caminar*, 42.

⁴⁰ «Une continuité se noue en permanence entre le corps du voyageur et la chair du monde. La géographie extérieure est sensuelle, vivante, elle menace, elle respire, elle signe, elle s'ébroue ou s'endort, elle est une seconde chair. La marche n'est pas seulement regard, même si la beauté des lieux s'offre à profusion, elle est aussi immersion parmi les nappes d'odeurs, les sons, la tac-

sentidos, num convite à sensualidade»⁴¹, pois a «geografia serve antes de mais para elaborar uma poética da existência, para dar oportunidade ao corpo de funcionar como uma bela máquina sensual, capaz de conhecer exercitando cada um dos cinco sentidos, sozinhos ou combinados»⁴².

Mas ao cabo de cada trinta milhas diárias⁴³, que são as únicas que importam ao caminheiro, peregrino ou vagabundo, impõe-se o descanso e a habitação de um lugar, mesmo que paradoxalmente no não-lugar⁴⁴ de um albergue de peregrinos, de um refúgio de montanha ou de um centro de acolhimento para sem-abrigo. Ora, o caminheiro, que avança de refúgio em refúgio consciente de que «alegria é uma casa recém-construída»⁴⁵, sabe-se à margem. E nessa condição liminal poderá dizer com Daniel Faria: «Neste lugar transitório mantem-me mendigo»⁴⁶. Só assim será capaz de recitar: «Este é o meu corpo».

Referências

- Augé, Marc. *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: Letra Livre, 2016.
- Castelao, Pedro. «El cuerpo y su apertura a lo intangible». Em *El cuerpo humano. Enigmas y desafíos*, ed. Carlos Alfonso Debate, 153-172. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2010.
- Belo, Ruy. *O Problema da Habitação*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.
- Chatwin, Bruce. *Canto Nómada*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.

*tilité quand le sentier confronte soudain à une rivière, un ruisseau et que les mains d'abandonnent à la fraîcheur de l'eau ou que le marcheur ne résiste pas à la tentation de nager dans la transparence.» Le Breton, *Marcher*, 49-50.*

⁴¹ Le Breton, *Marcher la vie*, 51.

⁴² Onfray, *Teoria da Viagem*, 87.

⁴³ «To travel hopefully is better than to arrive. [...] I am on a pilgrimage. I must admit, now that you press me, I have not a very clear idea of the end. But that is not the important question. These speculations don't make one a better walker. The great thing is to do one's thirty miles a day.» Clive Staples Lewis, *The Pilgrim's Regress. An Allegorical Apology for Christianity, Reason and Romanticism* (London: Bantam Books, 1981), 26.

⁴⁴ Cf. Marc Augé, *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (Lisboa: Letra Livre, 2016).

⁴⁵ Ruy Belo, *O Problema da Habitação* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2013), 31.

⁴⁶ Daniel Faria, *Dos Líquidos* (Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2000), 54.

- Coloma, Tristan. «No inferno de Bialowiesza». *Le Monde Diplomatique – Edição Portuguesa* 197 (2023): 34-35.
- Cunha, Arlindo de Magalhães Ribeiro da. «Estrangeiros e peregrinos como todos os nossos pais». Em *Caminho*, org. José Rui Teixeira, 41-48. Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002.
- Duque, João. «A Caminho... Reflexões para-teológicas». Em *Caminho*, org. José Rui Teixeira, 27-32. Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002.
- Duval, Anjela. «My Heart». Em *Celtic Christian Spirituality. An Anthology of Medieval and Modern Sources*, ed. Oliver Davies e Fiona Bowie, 226. New York: Continuum, 1999.
- Faria, Daniel. *Dos Líquidos*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2000.
- Gros, Frédéric. «Marcher, c'est faire preuve de dignité». Em *Philosophie de la marche*, dir. Nicolas Truong, 27-34. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2020.
- Gros, Frédéric. *Marcher, une philosophie*. Paris: Flammarion, 2019.
- Hervieu-Léger, Danièle. *O Peregrino e o Convertido. A Religião em Movimento*. Lisboa: Gradiva – Publicações, 2005.
- Kagge, Erling. *A Arte de Caminhar. Um passo de cada vez*. Lisboa: Quetzal Editores, 2022.
- Le Breton, David. *Elogio del caminar*. Madrid: Siruela, 2020.
- Le Breton, David. *Marcher la vie. Un art tranquille du bonheur*. Paris: Éditions Métailié, 2012.
- Le Breton, David. *Marcher. Éloge des chemins et de la lenteur*. Paris: Éditions Métailié, 2012.
- Leroi-Gourhan, André. *Le geste et la parole. Technique et langage*. Paris: Albin Michel, 1964.
- Lewis, Clive Staple. *The Pilgrim's Regress. An Allegorical Apology for Christianity, Reason and Romanticism*. London: Bantam Books, 1981.
- Marcel, Gabriel. *Homo Viator. Prolegomènes à une métaphysique de l'espérance*. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1944.
- Marquis, Sarah. «En marchant, on se découvre courageux». Em *Philosophie de la marche*, dir. Nicolas Truong, 59-64. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2020.
- Oliveira, Leonel. «A Passagem». Em *Caminho*, org. José Rui Teixeira, 33-39. Porto: Scriptum – Centro Catecumenal da Igreja do Porto, 2002.
- Onfray, Michel. *Teoria da Viagem. Uma Poética da Geografia*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.
- Segalen, Martine. «La marche et la course sont porteuses de valeurs différentes». Em *Philosophie de la marche*, dir. Nicolas Truong, 19-26. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2020.
- Teixeira, José Rui. *Habeas Corpus*. Porto: Officium Lectionis, 2022.
- Tesson, Sylvain. «La marche est une critique en mouvement». Em *Philosophie de la marche*, dir. Nicolas Truong, 11-18. La Tour d'Aigues: Éditions de l'Aube, 2020.
- Theroux, Paul. *A Arte da Viagem*. Lisboa: Quetzal Editores, 2021.
- Thoreau, Henry David. *Caminhada*. Lisboa: Antígona, 2018.
- Thoreau, Henry David. *Walden ou a Vida nos Bosques*. Lisboa: Antígona, 2009.
- Wolff, Hans Walter. *Antropología del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sigueme, 2001.